

Conceição
47-15-26

AUTORIZAÇÃO

CELSE MARIA DE MELLO PUPO

.....
nome

... BRASILEIRO....., escritor, residente e domiciliado em
(nacionalidade)

.....
Campinas SP

CIC Nº 025.627.078...34, Identidade,.....
cédula 114 011 -
(tipo e número)

AUTORIZA a publicação, sem ônus, cedendo desta forma a remuneração porventura concernente em favor dos promotores da iniciativa, de.....
"Francisco Barreto Leme - Fundador de Campinas SP"
(título)

.....
história

....., em uma edição de volume sob o título de
(gênero)

ANTOLOGIA NACIONAL DE ACADEMIAS DE LETRAS, a ser editada pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará - CEJUP sob a coordenação da ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS, em caráter irrevogável e ir-retratável, valendo esta autorização para todos os fins de direito, e equivalendo a renúncia expressa de direitos sobre a edição mencionada.

Campinas, 20 de setembro de 1989

.....
local e data

Celso Maria de Mello Pupo

.....
Assinatura

Endereço: Rua João de Góes, 135 Cy Postal 506
66020 - Belém do Pará
Acad Rafael Costa

Transcorria-se o aventuroso desbravar das minas de Goiaz; de várias partes do mundo e de inúmeras do país, acorriam os ambiciosos de uma riqueza fácil, buscando a terra do ouro, o farnal que atraía, extasiava, endoidecia pela sua fama de pródigo para com os que se embrenhassem pelo sertão buscando destas imensas fortunas, que aflorando, davam-se em abundância aos arrojados, capazes de rasgar as matas, vadear os rios ou transpô-los nas suas caudais, vencer a indiada desconfiada e valente, e atingir o coração do Brasil.

Foi a loucura do ouro que por anos encheu a vila de São Paulo de estrangeiros, seguidores dos paulistas, aspirando com eles palmilhar os antigos trilhos dos primeiros bandeirantes, demandar Jundiá, atravessar o Mato Grosso das três campinas e, seguindo pelos campos de Moji, buscar o objetivo esperançoso e aurífero de Goiás.

O Mato Grosso das campinas ou dos três campinhos, alimentava e dessedentava a tropa dos viajores; era mataria imensa e impenetrável só cortada pelo trilho de Goiás. A meia distância de sua travessia, perto dos três campinhos, à beira do caminho, se levantou um grande rancho solitário, com seus mourões para amarrar as rédes dos senhores da tropa e dos viajantes de qualidade, e coberto de sapé para abrigar as caixas, canastras, arreios e couros nos quais se deitavam os tropeiros. Ali dormiam os caminhantes para depois continuar a jornada longa; ali os homens do rancho, nos seus leitos improvisados, rezavam às ave-marias e embeveciam-se com o ouro solar seguido da languidez do anoitecer; ali, com o agitar das frondes, com o farfalhar das folhas, no sussurro da brisa em noite límpida, refaziam suas forças aqueles rijos palmilhadores do sertão, e findo um sono profundo, aprestavam-se para nova marcha, quando pela luminosidade azul do lindo céu de Campinas, raiasse uma alvorada.

Em torno do rancho, quasi tudo era solidão; passo para a grande viagem, este mato grosso não atraía povoadores; defendia-o a pujança da mata virgem desafiando mateiros e cortadores, roceiros e enxadeiros que preferiam terras de mais fácil desbravamento. Um paulista, porém, de raça bandeirante, muito se embeveceu pelo mato de terras ubérrimas e o elegeu para seara sua; não para pequenina roça que justificasse explorar a passagem de tropeiros, mas sítio para sua família que seria a célula inicial de povoamento permanente.

Já se havia entrado na quarta década do século dezoito e ainda residia na freguesia de São Francisco das Chagas de Taubaté, ~~o~~ paulista, Francisco Barreto Leme que assentou aventurar-se com a família para as novas terras, terras virgens que produziriam com abundância, terras para abastança e segura consolidação econômica.

Enamorou-se ele das terras de Campinas, terras pujantes cobertas da mata capaz de demonstrar a riqueza daquele solo ainda intacto na grandiosidade de mata gigante que amedrontava quem ali quizesse fazer roça. Mas este foi o pioneiro, teve ânimo para trazer sua esposa e filhos, afrontar a solidão de uma floresta exuberante de altíssimas árvores e troncos desconumais que o desafiavam; valeu-lhe um propósito firme, uma disposição bandeirante, para arrostar perigos e aventurar-se na jornada penosa e audaz de desvendar o mato grosso das Campinas.

Formado seu sítio, com suas plantações de milho, feijão, arroz, algodão e outras, sítio organizado com residência da família, outros sitiante foram atraídos, ocupando terras devolutas, sem necessidade de compra-las ou adquiri-las por sesmaria; e mais e mais a interpretação documental nos mostra Barreto Leme pioneiro, o que em Campinas, com sua família, povoou e cultivou sesmaria, sesmaria que tem sido confundida com outra concedida muitos anos antes de haver morador nesta terra.

Pioneiro no povoamento permanente, Barreto Leme, aquele mesmo desbravador da mata virgem, apaixonado pelas campinas do mato grosso, incentivador dos demais sitiante que o seguiram nas derrubadas trabalhosas e cheias de risco, nos amanhos da terra nova e exuberante, nas semeaduras e cultivo do milho, aquele mesmo pioneiro está destinado a ser o fundador da cidade de Campinas.

Ve-se quanto foi árduo este empreendimento do fundador; se o desbravamento feito trinta anos antes, exigiu audácia sua e de seus familiares, a fundação do núcleo urbano e a construção da igreja exigiram idealismo e persistência. É mesmo indispensável que se faça distinção do desbravamento e povoamento inicial por meio dos sítios que atraíam os sitiante pelo interesse econômico, pela maior produção e aspiração de riqueza, e, portanto, de interesse pessoal, do idealismo de construir capela, sem lucro material e com despesas e trabalhos onerosos, para início de uma povoação que havia de nascer.

Desvendando a mata, fazendo a vigorosa derrubada, plantando entre as coivaras e formando o sítio, Barreto Leme mostrou sua força e sua coragem, objetivando melhores frutos para seu trabalho em terras ricas. Mas, aspirando a construção de capela, recorrendo à autoridade diocesana, conquistando um jovem parente franciscano para combater na mesma peleja, doando vasta área de terras para o rocio, obrigando outros sitiante a dar braços para as obras da igreja, assumindo encargos de escolher o local e demarcar ruas e quadras para a nova povoação, e de doar patrimônio para a fábrica da freguesia, Barreto Leme foi generoso, foi desprendido, doou sem almejar recompensa, trabalhou sem esperar frutos, realizou pelo bem coletivo, pela grandeza desta terra que ele fez germinar.

Pelo que se afirmou, Barreto Leme, para a primeira e provisória capela, encontrou colaboração nos foragidos F. Pedro-

so e Luís Antônio de Carvalho Banhos que se escondia do recrutamento e que carregou barrotes no ombro para elevar-se a primeira sede provisória da freguesia; destes verdadeiros auxiliares do fundador, Campinas não se deve esquecer. Sem outra colaboração dos mais poderosos do bairro, avalia-se a dedicação de Barreto Leme pelo seu ideal de fazer capela entre os sítios de Campinas. Contando mais de setenta anos de idade, vencedor nas lutas de formação agrícola e estabelecimento da família neste rincão, o velho era ainda um idealista, era ainda um jovem para uma construção religiosa condigna que a sua sabedoria indicava como indispensável e como início de um povoado a se formar em torno da sede cristã.

Eram séculos e séculos de tradição católica que se acumulava naquele coração moço de um septuagenário; eram gerações e gerações fieis no cristianismo que iluminavam a bondade daquele neto dos Lemes madeirenses, de católicos flamengos que deixaram o lar rumo a novas conquistas e a nova difusão da fé, pelas terras desconhecidas erigidas em nova pátria dos seus anelos, desde o quinhentismo.

Barreto Leme doou o patrimônio da freguesia compreendendo uma grande área de terras, bastante para conter uma cidade; doou uma casa para renda da fábrica da matriz; arregimentou braços para auxiliar nas obras e, encarregado pelo capitão general e nomeado fundador de Campinas nesta "paragem deserta", escolheu o lugar da fundação, traçou as ruas com a largura estabelecida pelo governo da capitania, o mesmo fazendo com suas quadras que receberiam as construções residenciais dos futuros habitantes.

Interessados os governos civil e eclesiástico na fundação de Campinas, demarcada a construção da futura igreja de grossas taipas de mais de oitenta centímetros de largura, lutas vigorosas teriam de ser enfrentadas até a realização do ideal de Barreto Leme. Impaciente ou já pelo avanço de sua idade, dispondo só de companheiros pobres na generalidade dos sítios modestos, onde os moradores de Campinas tiravam sua subsistência, obteve Barreto Leme autorização para construir uma capela provisória.

E foi ali, onde está hoje a estátua do grande e imortal Carlos Gomes, o local que se escolheu para esta primeira capela. F. Pedroso, vindo de Parnaíba, dirigiu os trabalhos; Carvalho Banhos carregou em seus próprios ombros, os barrotes tirados da mata virgem e que viriam, fincados em sequência, compor as paredes do modesto templo. Chão de terra socada, cobertura de sapé, interior amplo para uma capela que havia de servir como primeira matriz pelo espaço de sete anos, que havia de conter os sitiamentos nas horas das missas e festas religiosas, foi a primeira construção urbana, foi o instrumento da fundação de Campinas, quando se criou o distrito independente da jurisdição de Jundiá e se instalou a freguesia, tudo no dia catorze de julho de 1774, santificado pela missa celebrada por Frei Antônio de Pádua Teixeira com assistência do vigário de Mogi Mi-

rim, padre Antônio Ribeiro do Prado Siqueira e do superior do Convento de São Bento. Nasceu esta terra abençoada.

Faltava, ainda, construir a matriz definitiva; os habitantes, sitiados do município, não podiam concorrer com recursos suficientes. Mas Barreto Leme havia conquistado um aliado, moço de trinta anos, alma ardente de fervor apostólico, filho do seráfico São Francisco de Assis, que aceitou sua vigaria paupérrima e se encarregou da pobre freguesia de Campinas, para exercer seu pastoreio, e também para esmolar à beira da estrada, entre os viajantes de Goiás, e obter esmolas com que conseguiu elevar as taipas da matriz definitiva.

Eis a verdadeira história; eis a verdadeira história que se pode dizer com a consciência da verdade de um passado honroso. E a história não se altera ao sabor das paixões e vaidades humanas; com o passar dos tempos, com o revelar dos documentos autênticos, interpretados pelo saber, pela inteligência e pela imparcialidade como fez o Instituto Histórico de São Paulo, cada vez mais se firma o valor a atuação e a primazia de Francisco Barreto Leme; cada vez mais se mostra a força de Campinas, a cidade jovem, cidade culta, cidade pujante que caminha pelo seu destino com maior glória sua e elevação maior do fundador Francisco Barreto Leme.

(a) Celso Maria de Mello Pupo.
